





AFETAÇÕES E INVENÇÕES: A EXPERIÊNCIA DE NOS CONSTITUIRMOS PESQUISADORES NARRATIVOS

Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa  0000-0001-7123-1074
Me. Euripa Aparecida Ribeiro de Alcântara  0000-0003-4691-4329
Me. Kizzy Aparecida Ferraz Evangelista  0000-0002-8668-9683
Dra. Ana Cristina Borges Fiuza  0000-0001-8892-1725
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

RESUMO: Situado no campo das pesquisas sobre o cotidiano, o presente artigo traz olhares para as pesquisas narrativas e suas contribuições teórico-metodológicas. Pautado na Perspectiva Ecológica de Educação, busca-se compreender a experiência de nos constituirmos pesquisadores narrativos, ao aprender a pensar e a escrever a relevância da prática, do relacional e do fazer colaborativo, incitando afetações e invenções no desabrochar do professor-pesquisador-conversador que na teia da vida, movimenta-se nos devires, na ecologia dos saberes. Com isso, o texto apresenta outro modo de pensar e fazer a pesquisa em educação, entendendo essa dimensão como Ciência Humana capaz de desterritorializar e reterritorializar-se.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa narrativa; Cotidiano escolar; Professor-pesquisador-conversador.

AFFECTIONS AND INVENTIONS: THE EXPERIENCE OF BECOMING NARRATIVE RESEARCHERS

ABSTRACT: Situated in the field of research on everyday life, this article looks at narrative research and its theoretical-methodological contributions. Guided by the Ecologist Perspective of Education, we seek to understand the experience of becoming narrative researchers, by learning to think and write the relevance of practice, relational and collaborative doing, inciting affectations and inventions in the blossoming of the teacher-researcher-conversator that in the web of life, moves in becoming, in the ecology of knowledge. With this, the text presents another way of thinking and doing research in education, understanding this dimension as a Human Science capable of deterritorializing and reterritorializing itself.

KEYWORDS: Narrative research; School everyday; Teacher-researcher-conversationist.



1 INTRODUÇÃO

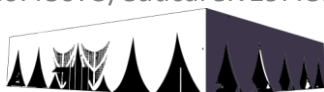
“As pessoas podem esquecer o que você fez, o que você disse, mas nunca esquecerão o que você as fez sentir”.
Fernando Pessoa

Diferente do que se imagina, produzir pesquisa narrativa está longe de ser uma tarefa fácil e sem rigor científico. Essa escolha investigativa exige do pesquisador sensibilidade à escuta, repertório e estofo teórico, assim como, preocupação e vigor para com as questões estéticas, éticas, políticas e teórico-metodológicas (Corrêa, 2022).

Como exemplo de pesquisa que bebe dessa fonte, Tania Aversi (2021), inspirada na Perspectiva Ecologista de Educação, imprime o atravessamento vivido em sua bio:grafia (Reigota, 2009), expressando “Pedagogias em deslocamento” e a dinâmica des/re(construção) que as narrativas são capazes de provocar. Essa é uma tentativa de narrar nossa presença no mundo (grafia) e as relações existenciais, profissionais e políticas (bio) que a permeiam.

Adentrando essa seara, Peter Spink (2008) nos ajuda a entender esse outro modo de fazer pesquisa apresentando a ideia do pesquisador-conversador, o qual ao refletir sobre a sua prática, sua vida, ora pensa, ora sente. Nas tramas da pesquisa narrativa, ao lançar a rede, fisga, encontra caminhos, caminhos estes que sinalizam para histórias, narrativas ficcionais ou não.

O desafio dos pesquisadores neste campo, não está somente em apresentar e analisar histórias de outros, mas, na capacidade que possuem de fazer parte da própria história, atravessando o autorpesquisador com discursos que procuram dar dimensão e temporalidade humana aos acontecimentos cotidianos, os quais são concretos no sentido histórico e social. Para Cupelli e Galiazzi (2019, p. 160), as narrativas suscitam sempre novos sentidos resultantes da combinação entre textos. Dessa forma, os textos são constantemente interrogados, produzindo ações. É como se a produção de uma narrativa estimulasse a produção de outra e esta de outra e assim por diante.



Um dos modos de deixar-se afetar, atravessar, des/re(construir), desterritorializar, se faz caminhando por caminhos convidativos e inventivos, que dizem,

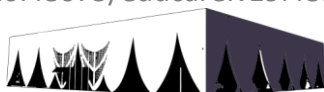
[...] a narrativa tem por finalidade explorar, aprofundar e dar respostas às particularidades, onde a realidade não pode, ou não deve ser quantificada, particularizando ainda que, “Uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias (Clandinin; Conelly, 2011, p. 18).

Revivendo a prática pedagógica, informalmente temos por hábito revisitarmos nosso tempo de infância e adolescência. Quais eram os nossos sonhos? O que motivou nossa escolha profissional? E as brincadeiras preferidas? Como construímos a trajetória acadêmica? Embora essas perguntas e tais episódios pareçam insignificantes, eles nos constituem. Com isso, é possível fazer ciência ou produzir conhecimento por meio dos nossos relatos e nossas experiências, de conversas no bar, nas sensações sentidas ao entardecer, com uma leve brisa no ar?

Entre voos e pousos, vale a pena pensar: Como relacionar afetações, invenções e modos de se fazer a pesquisa narrativa? Como desenvolver/produzir (auto)conhecimento a partir das experiências vividas?

Talvez, em nosso tempo de lembranças e reminiscências, não temos a pretensão de responder, mas é preciso pensar... refletir... entender. São inquietações vividas, revividas, em qualquer espaço-tempo, em qualquer lugar. Como exímios professores-pesquisadores-conversadores, o lápis e algo para registrar são instrumentos bastante utilizados.

A narrativa no contexto educativo parece ser quase sempre apontada como um meio de aprendizagem e investigação por excelência. Neste campo, são muitos os trabalhos que ajudam a compreender o pensamento e ação desse professor bisbilhoteiro. Trabalhos esses que trazem diferenças epistemológicas consideráveis.



Frente ao exposto, o objetivo deste artigo é direcionar nosso olhar para questões cotidianas, tornando-as “campo-tema” de pesquisa (Spink, 2003). Da mesma forma, visa-se explorar o valor da utilização da narrativa enquanto instrumento metodológico e promotora de (auto)conhecimento. Assim, este texto se torna uma partilha ao passo que somos atravessados pela pesquisa narrativa e sua produção de sentidos em nossos cotidianos.

Para o desenvolvimento desta investigação, buscamos fundamentação em diversos autores que discutem a narrativa no contexto da pesquisa educacional. No contexto das narrativas, a movimentação se faz com autores, como: Bezerra (2022); Corrêa (2022); Aversi (2021); Souza (2018); Dornelles (2016); Reigota (2010) e Galiazzi (2009), e tantos outros professores-pesquisadores-conversadores.

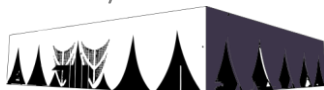
Após esse prelúdio, esperamos que esteja preparado para cirandar pelas veredas da casa-comum, minha, sua, nossa, do corpo e com o corpo, afetado pelo majestoso tear das narrativas.

2 ARTEFATOS E MENTEFACTOS DA PESQUISA NARRATIVA

Nos movimentos provocados pelo desejo de instigar o uso das narrativas no campo educacional, surgiu-nos a inquietação que originou a problemática: É possível provocar certa fermentação no professor-pesquisador-conversador de modo que ele venha a se afetar a ponto de emergir invenções em seu desabrochar, a partir da pesquisa narrativa?

Ousamos dizer que o ser-humano tem uma forte inclinação para as perguntas, graças à sua atividade consciente. Na busca por respostas, nem sempre essa eclode como um vulcão em erupção, necessitando ser estimulado.

De alguma forma narramos. Narramos fatos, feitos, fenômenos. Narramos experiências, sentimentos e outras pessoas (Wittizorechi *et al.*, 2006, p. 10). Narramos a própria vida, fios da história de vida (Giard, 2006) aproximando da criação em redes de um espaço de ficção, que se afasta de toda e qualquer pretensão de retratar a realidade e a veracidade dos acontecimentos vividos,



“produzindo efeitos e não objetos. É narração, não descrição. É uma “arte do dizer” (Certeau, 1994, p. 154) que exerce uma arte do pensar.

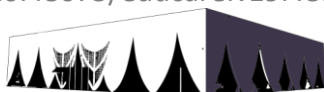
Com a pretensão de produzir narrativas a partir de outras narrativas, criando espaços de ficção e não de representação, fazendo valer a dimensão de mobilidade das memórias-narrativas, onde “[...] os detalhes não são nunca o que são: nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois não se bastam; nem estáveis, pois cada lembrança os altera” (Certeau, 1994, p. 165).

Vale dizer que os textos científicos também se constituem, de forma elaborada, coesa e parametrizada, em narrativas, pois narram descobertas, compreensões, interpretações, recomendações (Silva, 2019). Portanto, narrar é uma dimensão fundamental de comunicação humana e de atribuição de significado ao mundo, que nos permite considerar “a experiência do outro” (Giard, 2006, p. 10), produzindo conhecimento.

Considerando, portanto, a importância das narrativas nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos é que se destaca a multiplicidade de informações contidas nelas. Tais narrativas trazem, para o hoje, momentos e sentimentos que estiveram/estão presentes nas redes de sujeitos que compõem cada um dos praticantes de uma realidade cotidiana.

Cotidianos¹, portanto, é a palavra que usamos para nos referirmos à vida de todo dia e aos seus criadores que são, ao mesmo tempo, suas criações, simultaneamente, singulares e coletivas: os sujeitos – que somos e que vamos nos tornando -, as nossas práticas e os sentidos que a elas vamos atribuindo, tecendo e articulando redes de conhecimentos, de significações e de relações que vão constituindo nossas subjetividades e orientando nossas ações. Cotidianos, então, lugar de produção de conhecimentos, incluindo-se entre eles, os valores, e de produção da existência (Ferraço; Soares; Alves, 2018, p. 90).

A ideia de escrever nessas pesquisas, bem patente nos conceitos ecológicos de Reigota (2009), leva-nos a colocar as narrativas pessoais no seio daquilo a que Gonçalves (2001) chama de “ecologia de narrativas”, uma vez que todos somos, ao mesmo tempo, autores de umas, personagens (atuantes) de outras e também personagens das que somos autores.



As pesquisas focadas em narrativas orais, na verdade, já vêm sendo abordadas desde a década de 1940 (Reigota, 2016). Segundo o referido autor, o ponto comum entre as mais diferentes vertentes epistemológicas que fundamentam as pesquisas acadêmicas contemporâneas com narrativas são:

[...] em linhas, gerais, o aspecto político que procura colocar no espaço público e acadêmico argumentos teóricos, políticos, sociais, culturais, econômicos e ecológicos que desestabilizam certezas e verdades e que atuam como acontecimentos e possibilidade de produção de sentidos, de direitos e de alternativas cidadãs frente à banalidade da crueldade, da injustiça e do desrespeito na vida cotidiana (Reigota, 2016, p. 50).

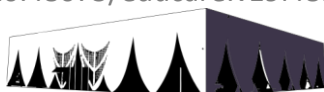
3 CONSTRUCTOS TEÓRICOS DO NARRAR

Clandinine Connelly (2011) afirmam que o mundo pode ser compreendido e analisado de forma narrativa, sendo que a experiência das pessoas é o ponto chave no desenvolvimento de estudo nesse tipo de pesquisa.

Dentro das pesquisas narrativas, a escuta atenta (sensível) e a abertura para o Outro, para a diferença, para a diversidade, para a alteridade, tornam-se elementos imprescindíveis (Ferraço; Soares; Alves, 2018).

O Outro é aquele ou aquilo que emerge com as crises do crível e engendra credibilidades nascentes; O Outro é o que tem outros valores, crenças, hábitos, saberes. O Outro é aquele ou aquilo que não se possui nem se controla. O Outro é o que escapa. É o imprevisível, o inesperado, o excluído, o imigrante, o marginalizado, o estrangeiro. O Outro é mistério e é surpresa. É a alteridade radical, a diferença para a qual nós precisamos nos abrir para criar (Ferraço; Soares; Alves, 2018, p. 15).

Quando se permite estudar essa experiência de forma narrativa se valoriza as vivências, sentimentos, percepções, produzindo também conhecimento. Permitir estudar é uma dica para o bom professor-pesquisador-conversador. Ao mesmo tempo em que pesquisa, estuda, se deixa ser afetado, passando a ser agenciado com invenções. Para Reigota (1999), a partir do momento em que ela (a narrativa) passa a ser relatada, o inédito viável da ficção vai-se tornando presente. Ficção



essa que não é uma mentira, mas um entrecruzamento de realidades amplamente comprometidas com as análises e as interpretações que se desenham no ato de pesquisar.

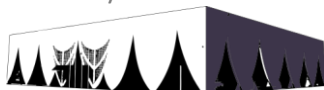
Por mais próxima que seja da verdade dos fatos, cada pessoa conta a história à sua maneira, enfatizando ou eliminando passagens e detalhes, deixando implícitos ou explícitos as suas representações sobre o fato concreto, suas consequências e desdobramentos (Reigota, 1999). O que se busca aqui não é a suposta verdade pré-discursiva dos fatos (Hess, 2009), mas sim, a produção de sentidos que residem nas ranhuras da vida e do discurso cotidiano.

Ao meditar sobre a tese de Leonardo Mendes Bezerra (Arqueologia antropofágica em rotas não lineares: narrativas educacionais reveladas no sertão maranhense), aprendemos, por exemplo, que a vida é um estrato arqueológico desenhado por palavras, gestos, sons, ruídos, choros, risos, música e silêncio. Ser sensível a essa escuta é, também, ser capaz de escutar o nada. E o nada, é a condição que se dá para que o inédito redesenhe e repinte a tela da vida, que jamais será branca (Corrêa, 2022).

Nesse tipo de pesquisa um fator importante é a temporalidade que está relacionada com o fato de que uma experiência ocorre em determinado tempo espaço. Segundo Galiazzi *et al.* (2005, p. 2), uma história precisa ser vista em um contínuo, sendo transformada e transformando, precisa ser olhada em termos de passado (movimento para trás), de futuro (movimento para frente) e se compõe ainda de significados pessoais (movimento para dentro) e sociais (movimento para fora).

No campo da educação, esse movimento se caracteriza de não falar da escola, e sim, com a escola, o que significa a possibilidade de construção de outras compreensões acerca das nossas experiências. Experiências essas que contagiam.

A narrativa dos problemas locais nos quais os sujeitos se veem implicados, e que trazem consequências imprevisíveis sobre suas vidas, é por excelência um



lugar para o pesquisa-dor resgatar os saberessabores da experiência e dialogar com o conhecimento científico gerando conhecimentos socialmente produzidos.

Uma história contada ao ser retirada, por quem escuta, do contexto narrado, pode ser recontextualizada em outras experiências ou situações, gerando novos entendimentos entre os contadores e ouvintes.

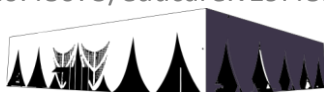
Diferente de uma construção argumentativa, pautada em princípios gerais, abstratos e logicamente estruturados, a narrativa destaca-se por explicitar subjetividades em jogo, pela construção polifônica dos personagens, por um bom enredo e um desfecho moral (Lima; Geraldi; Geraldi, 2015 p. 23). Escrever é prolongar o tempo, é dividi-lo em partículas de segundo, dando a cada uma delas uma vida insubstituível (Reigota, 1999, p. 43).

A partir da escrita narrativa podemos co-construir o universo de pesquisa e evidenciar que somos nós mesmos e nossos interlocutores, em si, a própria pesquisa. Para Martins (2011, p. 13), “é nesse sentido que a escrita narrativa contribui com a produção científica nessa área: sua fluidez e caráter construtivo possibilitam que o diálogo seja atualizado nas linhas do texto”.

A maioria dos autores aponta para a existência da "investigação narrativa", frequentemente, realizada a partir de categorias de análise narrativa definidas com base na metodologia qualitativa.

Minayo (2012) se refere ao verbo compreender como a principal ação em pesquisa qualitativa, em que questões como a singularidade do indivíduo, sua experiência e vivência no âmbito de grupo e da coletividade ao qual pertence, são fundamentais para contextualizar a realidade na qual está inserido.

Ao buscar responder questões em um determinado contexto espaço-temporal ou histórico-social, as pesquisas qualitativas não são generalizáveis. Isso não significa que sejam pouco objetivas, pouco rigorosas ou sem credibilidade científica, mas sim que abordam e tratam os fenômenos de outra forma (Muylaert *et al.*, 2014, p.197).



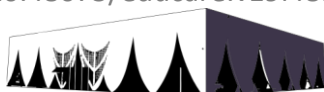
Se por um lado a pesquisa qualitativa se preocupa em capturar um nível de realidade que não pode ser mensurado quantitativamente, por outro, o pesquisador só poderá desenvolver uma postura crítica que o qualifique no aprofundamento da captura/construção dos dados, se permanecer em uma busca ativa e atenta por novos interlocutores e observações em campo, com o objetivo de articular e enriquecer as informações coletadas, uma vez que o objeto da investigação é sempre um objeto construído (Muylaert, 2014).

4 A PERSPECTIVA ECOLOGISTA DE EDUCAÇÃO NO PROCESSO NARRATIVO

Criado em 1998 pelo Prof. Dr. Marcos Reigota, na Universidade de Sorocaba, o grupo Perspectiva Ecologista de Educação torna-se o berço de inúmeras dissertações e teses narrativas no Brasil. Como marco histórico, em 2022, o grupo foi acolhido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE/UFTM), onde passou a enredar os trabalhos desenvolvidos na linha de Cotidiano Escolar.

A partir das práticas pedagógicas cotidianas nos diferentes níveis de ensino, o grupo estuda aquilo que se manifesta na consciência, atribuindo novos olhares perante o fenômeno. Com isso, investiga-se as possibilidades e alternativas de construção de conceitos, fundamentos e processos políticos-pedagógicos relacionados com a transformação humana. De acordo com Corrêa (2022, p. 13), “mais do que um grupo de pesquisa, a Perspectiva Ecologista de Educação é um modo de olhar, conceber, sentir e analisar o cotidiano e os processos formativos”. Nessa ótica, a ecologia que nos interessa é aquela estabelecida nas inter-relações da vida; não apenas entre os elementos bióticos (vivos), mas, também, nos abióticos (aqueles que reafirmam nossa existência/vivência).

O grupo aqui apresentado adota aportes metodológicos como a etnografia, a cartografia e as narrativas ficcionais - de modo a conectar histórias ouvidas, momentos percebidos, lidos, sentidos e compreendidos - tendo como enfoque de



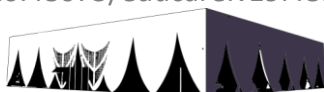
investigação as múltiplas dimensões da vida cotidiana, ao dialogar com autores voltados para os estudos transdisciplinares. Vale dizer que as propostas de pesquisa do grupo buscam superar o ventriloquismo de muitas narrativas científicas, ao dar voz para temas e questões ditas como “menores” que não só atravessam, mas dão sentido para o nosso fazer cotidiano.

Atravessar-afetar-criar, eis o trinômio de uma proposta na concepção de autonomia ancorada na pedagogia de Paulo Freire. Pedagogia essa que propõe um olhar diferenciado quando o conjunto de saberes são construídos pela metodologia também diferenciada de apropriação de conteúdos e aprendizado, crítico-reflexivo. Movimentos esses que inquietam e provocam a transformação do professor-pesquisador-conversador que nas rodas de formação atuam como possibilitadores de experiências reais vividas no tempo presente.

Essa perspectiva desloca o olhar para uma (des/re)construção de se fazer pesquisa; de sujeito passivo tornar-se sujeitoobjeto² (Corrêa, 2022) - capaz de observar e ser observado, sentir e ser sentido, proporcionando oportunidade de valorizar os saberes construídos durante o cotidiano vivido, permitindo aproveitar cada lembrança aguçada por meio de cada situação vivenciada, sentida e observada.

Ainda nesse processo de se fazer pesquisa, Bezerra (2022) nos traz que a pesquisa narrativa envolve a dimensão do tempo subjetivo. Para Aquino (2014, p. 3), o caráter subjetivo dos indivíduos, imbuído de uma longa trajetória de suas vivências, mobiliza suas memórias agregando novos sentidos e interpretações aos fatos vivenciados outrora. Assim, entendo que a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas é a representação que dele fazem os sujeitos que vivenciaram suas experiências passadas e, por terem trajetórias de vida singulares, atribuem sentidos e interpretações também singulares.

Dialogando com Spink (2010), na pesquisa narrativa não existe campo de pesquisa, o campo de pesquisa é a gente, ou seja, o campo de pesquisa não está externo ao que nós vamos fazer ou alheio à nossa vida. Com isso, as dissertações



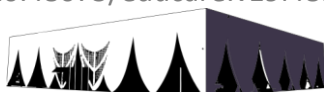
e teses hoje construídas no referido grupo são verdadeiras afetações e invenções que não estão postas, mas atravessam os seus proponentes. Assim, o professor-conversador se transforma em pesquisador na medida em que olha para o seu reflexo na água e mergulha.

Ao repensar como lidamos com o pensamento, a partir de momentos da escrita, estudando a pesquisa narrativa, temos a oportunidade de questionar nossa compreensão epistemológica da centralidade da teoria no fazer como pesquisadores, e vislumbrar a proposta de Mcniff (2007), de que a nossa história pode ser teoria educacional de vida e que a validade dessa está relacionada à ideia de boas práticas e histórias de pesquisa.

Embora o presente artigo pontue as contribuições de Clandinin e Connelly para o campo da pesquisa narrativa, vale dizer que a Perspectiva Ecologista de Educação, tecida a partir dos trabalhos de Reigota e do seu grupo de pesquisa, traz a questão ética e política para o seio dessa discussão. Ao passo que os trabalhos dos referidos autores deem ênfase para o como analisar as narrativas, estruturando-as como um constructo metodológico, a Perspectiva Ecologista de Educação se preocupa em colocar no espaço público as narrativas silenciadas ao longo da história. Portanto, as narrativas ganham uma nova dimensão nessa perspectiva, pois trata-se de um posicionamento político, e não, necessariamente, analítico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na ânsia por compreender os fios do tear e a experiência de nos constituirmos pesquisadores narrativos, aprendemos a pensar e a escrever a relevância da cotidianidade, da prática, do relacional e do fazer colaborativo e, ao mesmo tempo, incitar afetações e invenções no desabrochar do professor-pesquisador-conversador que, na teia da vida, movimenta-se nos devires e na ecologia dos saberes.



É importante destacar que a participação no grupo Perspectiva Ecologista de Educação tem sido essencial para a contribuição no fazer científico, uma vez que propicia constituirmos como pesquisadores narrativos. Essa imersão tem sido necessária para a interiorização e sistematização dos pressupostos desse caminho teórico-metodológico, seus esconderijos epistemológicos e o repensar das nossas atitudes enquanto professor-pesquisador-conversador.

Acreditamos que vi(ver) um percurso em deslocamento tenha sido o fio narrativo do que aqui apresentamos. Considerando que o sentido da vida está na capacidade que temos de senti-la, o desafio que as pesquisas narrativas nos colocam frente à lógica positivista é o de narrar a vida e literaturizar a ciência (Alves, 2000).

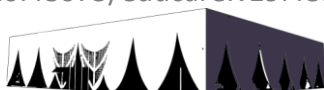
Como dito anteriormente, a pretensão de responder às questões aqui colocadas não é no intuito de dar soluções e sim, provocar e despertar o interesse como mola propulsora para modos outros de se fazer a pesquisa em educação e se encantar com os diálogos, conversas e narrativas que constituem o nosso cotidiano. Assim, a escrita e/ou a escuta/leitura de uma narração sóganha sentido ao passo que introjetamos e refletimos sobre ela.

REFERÊNCIAS

AVERSI, T. L. R. **Pedagogias em deslocamento no cotidiano da (in)diferença: narrativas desde uma revisita à perspectiva freire(e)ana**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2021.

AQUINO, F. M. S. de. O uso de narrativas na pesquisa com o cotidiano. *In: XXII EPENN- Encontro de Pesquisa Educacional Norte e Nordeste*, 2014, Natal. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2014.

ALVES, N. G. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. *In: I Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2000, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: SBHE, 2000.



BEZERRA, L. M. **Arqueologia Antropofágica em Rotas Não Lineares: Narrativas Educacionais Reveladas no Sertão Maranhense.** 2022. 327f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2022.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.** 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Composição de textos de pesquisa em investigação narrativa: Experiência e história na pesquisa qualitativa.** São Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2000.

CORRÊA, T. H. B. **A escola contemporânea: narrativas provocadas pela pandemia.** Relatório (Pós-Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2022.

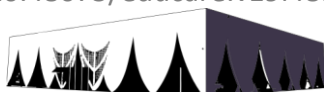
CUPELLI, R. L.; GALIAZZI, M. do C. Dos (Auto)Relatos Às Narrativas Ficcionalis: As (Re)Existências De Uma Comunidade Interpretativa De Professores Educadores Ambientais. **Interações**, n. 11, p. 153-173, 2009.
Disponível em: <http://www.eses.pt/interaccoes>. Acesso em: 24 jul. 2022.

DORNELES, A. M.; GALIAZZI, M. do C. Investigação narrativa na formação de professores de química. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 179-196, 2016.
Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-60592016000100179&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 05 abr. 2024.

FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. da C. S.; ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/ps2mx/pdf/ferraco-9788575115176.pdf>. Acesso em 21 de agosto de 2022.

GALIAZZI, M. do C.; SOUZA, M. L. de. Educação ambiental na escola e o viés da interdisciplinaridade: um espetáculo e seus toques de mãos, olhares e cumplicidades. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2009.
Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1081>. Acesso 22 de agosto de 2022.

GALIAZZI, M. do C. *et al.* Narrar as histórias sobre o ser professor para constituir professores em formação. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2005, Bauru. **Anais** [...]. Bauru: ABRAPEC, 2006. Disponível em:



http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/venpec/conteudo/artigos/3/pdf/p232.pdf. Acesso em: 21 ago. 2022.

GIARD, L. **Biografia de Michel de Certeau** (mimeo). Campinas, 2006.

GONÇALVES, M. G. M. **A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica**. São Paulo: Cortez, 2001.

HESS, R. O momento do diário de pesquisa na educação. **Ambiente & Educação**, [S. l.], v. 14, p. 61-87, 2009.

LIMA, M. E. C. de C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/w7DhWzM5mB4mZWLB5hthLVS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MARTINS, M. H. da M. A escrita narrativa e a emergência das vozes sociais. **Athenea Digital**, [S. l.], v. 11, n. 2, p.3-15, 2011. Disponível em: <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/850>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MCNIFF, J. Minha história é minha teoria educacional viva. In: CLANDININ, D. J. **Manual de investigação narrativa: mapeamento de uma metodologia**. Mil Carvalhos; Londres; Nova Deli: Sage; Universidade de Alberta, 2007. p. 308-329.

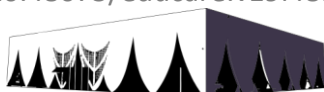
MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MUYLAERT, C. J. *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista EscEnferm**, v. 48, p.193-199, 2014. Disponível em: www.ee.usp.br/reecusp/. Acesso em: 20 ago. 2022.

REIGOTA, M. Grupo de pesquisa: perspectiva ecologista de educação. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 5, n. 2, p. 113-117, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6223>. Acesso em: 18 ago. 2022.

REIGOTA, M. A educação ambiental para além dela mesma. **Ambiente & Educação**, v. 13, n. 1, p. 11-22, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/972>. Acesso em: 10 ago. 2022.

REIGOTA, M. Da etnografia às narrativas ficcionais da práxis ecologista: uma proposta metodológica. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, v.



25, n. 1, p. 35–60, 1999. Disponível em:

<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/4239>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SILVA, A. Fernando. A polifonia da existência: aportes metodológicos para uma pesquisa biográfica em perspectiva antropológica. **Interseções - Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 21, p. 383-409, 2019.

SOUZA, V. V. S. Eu... Uma pesquisadora narrativa: aprendendo a pensar e escrever narrativamente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 3, n. 9, p.966-982, set./dez., 2018.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, Edição Especial, p. 70-77, 2008.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, dez. 2003.

WITTIZORECKI, E. S. A Pesquisa exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 09-33, mai./ago. 2006.

Recebido em: 13-11-2022

Aceito em: 01-04-2024

Nota de fim

1. Pontua-se que a grafia no plural de cotidianos pretende dar conta da multiplicidade, singularidade e heterogeneidade que os constituem.
2. Sujeito pela ontologia e consciência; objeto pela capacidade de ser percebido pelos sentidos.

